

MINIATURAS MUSICAIS: EVIDÊNCIAS DO ENVOLVIMENTO DE BEBÊS COM UMA PROPOSTA MUSICAL CRIATIVA DESENVOLVIDA EM CONTEXTO DE CRECHE

Data de submissão: 08/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Débora Niéri

RESUMO: Propostas musicais para bebês, utilizando sonoridades múltiplas e repertório de música de concerto contemporânea por sua hodiernidade, carecem de evidências científicas, tanto no que concerne aos métodos de análises quanto no que concerne ao envolvimento do bebê. Objetiva-se neste texto apresentar o envolvimento de bebês entre 0 a 2 anos de idade, em contexto de creche, com uma proposta musical criativa que relaciona o protagonismo do bebê (Malaguzzi, 2012), o som dentro de uma perspectiva ampla (Schafer (1991), Paynter (1991) e Delalande (1993, 2009)) e o movimento (LABAN, 1978; 1990). Caracteriza-se como pesquisa-intervenção, utilizando técnicas de gravação em vídeos para a coleta de dados e análise de episódios seguindo critérios de delimitação de Laevers (1994). O estudo visa à abertura no campo das análises da educação musical de bebês no Brasil e contribuir com evidências acerca

do envolvimento de bebês em relação a um repertório pouco investigado nesse campo a partir de abordagem pedagógico musical possível de ser trabalhada pelos professores não especialistas em Música da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical de bebês na creche; repertório musical contemporâneo; abordagem musical criativa; envolvimento de bebês.

Miniaturas Musicais se caracteriza como uma abordagem musical criativa voltada aos bebês entre 0 e 2 anos de idade, em situação de creche. Pode ser desenvolvida pelo professor da Educação Infantil, ou seja, pelo não-especialista em música, uma vez que se baseia na relação entre gesto (movimento) e som dentro de uma perspectiva ampla de música que compreende sonoridades múltiplas, das lalações à música contemporânea¹.

¹ Nesta pesquisa os termos "música contemporânea" ou "música moderna" dizem respeito às composições musicais, principalmente do século XX, que se pretendem livres do sistema tonal (GRIFFITS, 1987). Essa produção se baseia em outras maneiras de organizar o som, abarcando técnicas instrumental e vocal inusitadas, privilegiando o timbre, a paisagem sonora, o ruído e a tecnologia.

A proposta foi sendo delineada aos poucos, fruto de anos de envolvimento da pesquisadora com a educação musical de bebês em creches e com as práticas criativas musicais.

Enquanto pesquisa acadêmica foi aplicada em contexto durante estágio de pós-doutoramento realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2018, sob a supervisão da Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto, sendo os dados submetidos à minuciosa análise com o auxílio de um instrumento de observação (EON)² elaborado no âmbito da pesquisa, que permitiu observar o envolvimento do bebê com o som.

Objetiva-se neste capítulo, apresentar um recorte da pesquisa - a proposta sonora-musical criativa e sua aplicação no contexto da creche.

Propostas musicais para bebês, utilizando sonoridades múltiplas (SCHAFER, 1991) e repertório de música contemporânea (DELALANDE, 1993; 2009) (PAYNTER, 1991), baseadas na relação entre escuta e movimento, por sua hodiernidade, carecem de evidências científicas, tanto no que concerne à sua aplicabilidade tanto no que diz respeito ao envolvimento do bebê.

O estudo envolve interfaces das áreas da Psicologia, Sociologia da Infância, Educação e Música e visa à abertura no campo das análises da educação musical de bebês no Brasil e contribuir com evidências acerca do envolvimento de bebês em relação a um repertório pouco investigado nesse campo a partir de abordagem pedagógico musical possível de ser trabalhada pelos professores não especialistas em Música da Educação Infantil.

Em termos metodológicos, caracteriza-se como pesquisa-intervenção no contexto da educação, e não na perspectiva da psicologia ou da medicina. O sentido utilizado alinha-se às ideias de Damiani,

[...] “denominam-se intervenções as interferências (mudanças, inovações), propositadamente realizadas, por professores/pesquisadores, em suas práticas pedagógicas. Tais interferências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias, nessas práticas, além de pôr à prova tal referencial, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre os processos de ensino/aprendizagem neles envolvidos. Para que a produção de conhecimento ocorra, no entanto, é necessário que se efetivem avaliações rigorosas e sistemáticas dessas interferências” (DAMIANI, 2012, p. 2884).

Utiliza-se das técnicas de gravação em vídeos e Diário de Campo para a coleta de dados. A otimização da transcrição dos dados de vídeos era indispensável, pois caso não houvesse delimitações e recortes as análises poderiam ficar, em função do volume de dados, superficiais. Optou-se, portanto, pela ideia de recorte oferecida pela Escala Laervers (1994) no que tange a escolha de episódios e delimitação de tempo de análise de vídeos (de 2').

² Esse instrumento de observação intitulado EON (Esquema de Observação Nieri) foi apresentado em artigo no prelo

Em relação à fundamentação teórica Miniaturas Musicais se orienta pelo conceito de escuta. Tanto no sentido de escutar os bebês, na perspectiva de Loris Malaguzzi (1999), ou seja, de observá-los e considerá-los protagonistas, uma vez que o interesse do bebê e suas ações espontâneas são os ganchos para o desenvolvimento das propostas e experiências sonoras e musicais; como no sentido de escuta musical (SCHAFFER 1991; PAYNTER, 1991), no que diz respeito à apreciação de obras de compositores da música de concerto dos séculos XX e XXI e à exploração e criação de jogos sonoros.

No campo da música, a fundamentação teórica se alinha às ideias de Delalande no que concerne à questão da ampliação da escuta do repertório musical e ao conceito de gesto sonoro-musical ou de conduta musical estabelecido pelo autor, que focaliza o comportamento e a atitude de quem faz ou escuta música. O jogo sonoro nessa concepção é entendido como possibilidade de compreender e descrever as condutas musicais dos sujeitos (1993; 2009).

Do educador musical canadense, Murray Schafer destaca-se a pertinente relação do sujeito com os sons do meio em que está inserido. Schafer observa, em seu capítulo intitulado “Música, paisagem sonora e mudanças na percepção” (1991, p.151), o encontro, as reações e as interações do homem com os sons do seu contexto social. Tudo isso, ressalta uma prática sonoro musical criativa que, ligada ao cotidiano, inspira o sujeito a fazer música que tenha significado para ele. A ‘paisagem sonora’ ao mesmo tempo, que serve de inspiração ao fazer musical, também fortifica o sentimento de pertencimento do lugar em que se vive, podendo constituir-se num elemento de coesão.

Também se busca inspiração nas ideias de John Paynter (1972; 1991), principalmente em duas: a de que ritmo é movimento e pode ser regido por outros princípios além do pulso e da métrica, tal como a ressonância e que pode ser aleatório, fluido ou direcionado para métricas pouco usuais ou complexas (no sentido de ser tecida juntamente); e da necessidade de se ter uma estrutura sonora para tornar, de fato, a linguagem musical comunicativa.

Outro princípio diz respeito ao uso da “canção sem palavra” de Edwin Gordon (2000). De acordo com o pesquisador, as palavras exercem um interesse muito grande no bebê, podendo desvirtuar o foco da aprendizagem musical para aprendizagem do idioma.

No campo do movimento as orientações advêm da Teoria do Movimento de Rudolf Laban (1978; 1990), que discorre acerca da qualidade do movimento, estruturada em quatro fatores principais- fluência, espaço, peso e tempo que se referem às direções, níveis, planos espaciais e de fluxo do movimento. A experiência de movimento que Laban sugere envolve o sujeito como um todo e “ensina” o corpo. O aspecto que se destaca no trabalho com bebês refere-se principalmente ao fluxo/fluência, níveis e espaços do movimento.

O PROJETO *MINIATURAS MUSICAIS*

“Miniaturas” não é uma proposta que se baseia na concepção de “aula de música” para bebês. Considera-se nesta proposta que o bebê desenvolve suas explorações e aprende a todo o momento, independente do lugar em que esteja, seja na creche, seja em casa, seja na rua. No entanto, a escuta atenta do adulto e o ambiente facilitador constitui o cerne para que essas experiências sejam potencializadas. Daí a importância de uma formação em educação sonora-musical para os profissionais responsáveis pelos bebês em creches; para que possam intermediar, ampliar, amparar, oferecer e potencializar as descobertas e invenções sonoras dos bebês. Cabe ao adulto observar o espaço e perceber nele potencialidades sonora-musicais. Permitir experiências estéticas sonoras e musicais no cotidiano da creche de forma corriqueira, no tempo do bebê e sem a expectativa de aprendizado do adulto, exige uma escuta atenta do bebê e uma formação em contexto que capacite o adulto para desenvolver esse trabalho.

Se propõe no projeto possibilitar que situações ricas em sonoridades sejam promovidas; perceber quando se pode ampliar uma experiência sonoro-musical de um bebê; estar atento para quando a imitação por parte de um adulto de um gesto ou som de um bebê pode despertar curiosidade, convidando-o há um tempo maior de vivência com o evento; perceber quando o bebê quer dizer alguma coisa com os olhos e mãos... enfim... é escutar os bebês, no sentido malaguzziano.

A ideia principal do “Miniaturas” é a de que o adulto esteja preparado e disponível para improvisar sonoro-musicalmente, a partir da proposta do bebê, seja ela de movimento ou de som. É de instigar, por meio da escuta, o bebê a perceber sonoridades, ser um ouvinte atento e curioso.

O desenvolvimento musical não é entendido como resultado nem como objetivo primordial, mas como um processo que tem seu início na fase inicial da vida pela oferta de experiências estéticas sonoras e musicais, e que perdura, se modifica e se desenvolve ao longo da vida.

A ênfase das análises do “Miniaturas” recai na exploração vocal e corporal, e principalmente na escuta sem o uso de objetos. Se aposta nas relações que o bebê pode estabelecer com o sonoro a partir desse brincar livre por meio do seu corpo e voz; com os demais bebês e em relação ao corpo-voz do adulto brincante que está junto dele nesses momentos. Orienta-se, portanto, por dois eixos centrais: a relação entre o som e o movimento e a Escuta.

A partir da escuta dos bebês é que se propõe uma improvisação sonora e gestual. Essas vivências relacionam-se aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento infantis e não às expectativas de aprendizagem, alinhando-se às expectativas da Base Curricular Nacional (BRASIL, 2017). O trabalho, inspirado nas ideias de Delalande (1993; 2009), Gordon (2000), Schafer (1991; 2001); Paynter (1972; 1991) e Laban (1978; 1990), inter-

relaciona campos de experiência descritos na Base Curricular Nacional, tais como os do “corpo, gestos e movimentos”, “escuta, fala, pensamento e imaginação”, “traços, sons, cores e imagens” e “espaços e tempos” ao ofertar experiências inspiradas na ideia de comunicar-se (TREVARTHEN & MALLOCH, 2007).

A proposta do Miniaturas prevê a emergência de cenas intersubjetivas entre professor-bebê; entre bebê-bebê e entre bebê-pesquisadora. Dessa forma, ocasiões ocorrem em que algo especial se dá entre uma dupla ou um trio. É comum que os demais bebês fiquem observando essas cenas. Cada bebê é único e está em seu momento. Respeita-se essa individualidade.

Não se exige uma postura dos bebês; não se exige que fiquem em roda, nem sentados; nem que participem se não estiverem interessados. Os bebês se aproximam e se afastam quando desejam. Nesse sentido, têm escolha. Enquanto acontecem as intervenções os bebês continuam brincando com o que desejam.

A ideia do pouco uso de palavras (não se utiliza nem em comando nem em canções) foi inspirada na afirmação de Gordon de que as palavras exercem um fascínio nos bebês, de modo que a ênfase acaba recaindo na palavra e não na música em si. Dessa forma, pouco se utiliza as palavras e quando é utilizada em algumas composições, o tratamento conferido acaba resultando na perda do sentido semântico das palavras, como acontece frequentemente na música contemporânea.

No Miniaturas as sonorizações vocais dos bebês não são utilizadas para analisar o desenvolvimento cognitivo-musical dos bebês; mas como objeto propositor artístico que pode ser trabalhado como gancho para pequenas improvisações; como tanto como imitação, como pequenas improvisações elaboradas no momento da intervenção, como matéria-prima a ser manipulada para servir de material de escuta para outras intervenções.

As ações espontâneas dos bebês geram três tipos de atividades básicas e fundamentais no Projeto:

- pequenos improvisos vocais da pesquisadora a partir da vocalização ou balbucio dos bebês;
- jogos vocais cumulativos; nos quais a pesquisadora, atenta às sonoridades produzidas pelos bebês imita-os, acumulando-os aos novos sons que vão surgindo.
- imitação pela pesquisadora dos movimentos corporais e dos sons vocais realizados por um bebê;
- imitação dos movimentos corporais do bebê que por sua vez, orientam improvisações vocais ou corporais por parte da pesquisadora.

Adessi destaca o valor dessas improvisações livres vinculadas ao universo do bebê, afirmando que “vocalizações mais repetitivas com ritmos culturalmente codificados e afinação parecem estimular menos a criança do que os jogos vocais, que entram em

sintonia com a criança numa improvisação livre de estilo vocal” (2012, p. 27).

A escuta de obras de compositores contemporâneos, tais como Ligetti, Berio, Redolfi, entre outros, constitui outro eixo essencial do projeto. Essa escuta de obras é sempre feita com movimentos fluidos que podem ser agenciados pela pesquisadora ou pelo bebê.

Outro ponto a ser considerado no “Miniaturas” é a escuta de gravações dos jogos, das improvisações, das vocalizações e da paisagem sonora feitas em vivências anteriores.

DAS INTERVENÇÕES

As intervenções foram desenvolvidas em um Centro de Educação Infantil (CEI) da Prefeitura Municipal de São Paulo, localizado na Zona Sul da cidade que atende crianças de 0 a 3 anos de idade.

Apesar do CEI contar com duas turmas de berçário, em função do curto prazo para a realização do estágio pós-doutoral optou-se por realizar a coleta de dados somente no berçário I. Na ocasião das intervenções, essa turma contava com sete (7), cinco (5) do sexo masculino e dois (2) do sexo feminino, compreendendo a faixa etária de um ano e dois meses e um ano e quatro meses de idade. Dois bebês frequentavam a creche somente no período da manhã; um desses bebês não participou de nenhuma intervenção e o outro participou de uma apenas. A grande maioria dos dados refere-se aos cinco bebês que frequentavam o período vespertino, todos do sexo masculino. No entanto, os bebês faltam muito por não estarem bem de saúde, de modo que poucas intervenções foram desenvolvidas com os cinco.

Foram realizadas quinze (15) intervenções iniciadas em junho de 2018, sendo realizadas uma vez por semana. Dessas intervenções destacam-se aqui alguns episódios com suas respectivas análises.

EPISÓDIO 1

Eixo: Paisagem Sonora

Tempo total do vídeo: 28'

Tempo total da Observação: 2'

Conteúdos de movimento e som do Episódio: escuta e paisagem sonora.

Descrição: A pesquisadora gravou uma seleção de trechos de paisagem sonora da creche e sons (lalações, vocalizações, choros, risos) dos próprios bebês da creche ao longo da pesquisa. A partir desse banco sonoro gravou um Cd com alguns sons selecionados e intercalados com momentos de silêncio (pausas) entre uma paisagem sonora e outra. A pesquisadora brincava de imitar os movimentos dos bebês, enquanto o Cd estava pausado (momentos de silêncio); e parava o movimento quando o Cd reproduzia a paisagem sonora.

Cena: Nesta cena o jogo de imitação dos movimentos se estabelece com Davi. Os registros de campo atestam que os outros bebês estavam observando atentamente o que

estava acontecendo, contudo, não é possível conferir esses dados pois a posição (fixa) da filmadora só focalizou Davi.

Escuta: gravada

Agência do movimento: da pesquisadora

Autoria da atividade: da pesquisadora

Bebês presentes: 3 (Davi, Martin e Pedro)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Infelizmente a gravação dessa intervenção focaliza somente Davi, apesar de ter mais dois bebês, o Martin e o Pedro em sala. Davi estava sorrindo e olhando para a pesquisadora. Estava sentado, mas demonstrava uma alegria mexendo o corpo, colocando uma perna sobre a outra. Dava uns saltos sentado, impulsionando o corpo com as pernas. Seus olhos brilhavam e sua boca sorria. Percebia que a pesquisadora o estava imitando. Levantou, engatinhou e ficou em pé de novo. Correu para o colchonete que fica no chão da sala. Sentou-se e olhou imediatamente para a pesquisadora esperando a “vez” dela. Assim que teve início a paisagem sonora, a pesquisadora interrompe o movimento e Davi, imediatamente vira o corpo e os olhos em direção à fonte do som. Cessa seu movimento e os olhos estão bem abertos. A paisagem sonora termina e ele percebe isso porque volta novamente para a brincadeira de fazer os movimentos, esperando que a pesquisadora os repita. Seus movimentos são fluidos, agora deitado, com a cabeça apoiada no colchão. Senta-se e bate três vezes com as duas mãos no colchão. Não deixa de sorrir em nenhum momento. A pesquisadora repete seu gesto e ele se “esconde” na almofada dando risadas. Nesse momento começa a segunda paisagem sonora (dessa vez um homem gritava a venda de gás). Davi tira a cabeça de “dentro” das almofadas e olha direto na direção do aparelho de gravação. “Se mantém imóvel, deitado sobre as almofadas, durante todo o tempo em que dura a paisagem sonora 22”. A paisagem termina com um padrão rítmico de pancadas, mais ou menos assim: Semínima, semínima, duas colcheias + uma semínima.

E ele começa a engatinhar, batendo as palmas das mãos no chão. A pesquisadora o acompanha. Esta foi a única paisagem rítmica; que tinha de fato, um ostinato. Interessante notar que os movimentos de Davi, antes fluidos se tornaram agora marcados, pulsados. Não seguem o ritmo do ostinato, mas definitivamente o movimento é mais rígido, marcado com palmas no chão. No silêncio, Davi começa a rolar no chão. Davi apresenta o movimento receptivo³ todas as vezes que a gravação é retomada. Como os trechos sonoros gravados são curtos, ele apresenta sempre o mesmo padrão: suspende o movimento e o retoma quando os episódios gravados terminam. Esse fato pode indicar que alternar pequenos

3 Movimento receptivo” significa a suspensão do movimento que o bebê estava a realizar (fora ou dentro da intervenção) para voltar-se à cena, para observar algum evento que lhe chamou a atenção. Somente são considerados “movimentos receptivos” as ações que se relacionam com a intervenção sonora-musical. Movimento receptivo também se refere aquelas situações em que o bebê aguarda a sua vez para atuar no jogo (NIÉRI, 2018, p.61)

trechos de escutas contemporâneas com movimentos e brincadeiras pode ser uma maneira de apresentar esse repertório aos pequenos. A música é apresentada aos 00:48". Um segundo depois Davi olha imediatamente para o lugar onde está a caixinha de som. O exemplo musical tem a duração de 15"; Davi permanece escutando atentamente por 5". Aos 01':04" o exemplo musical é retomado. Davi suspende os movimentos corporais e escuta, exatamente um segundo depois e permanece 11" escutando atento. Nada indica que ele não esteja escutando enquanto realiza seus movimentos ativos. No entanto, o foco na escuta se revela claramente pelo movimento receptivo.

EPISÓDIO 2

Eixo: Exploração Sonora

Tempo total do vídeo: 11:57"

Tempo total da Observação: 2'

Conteúdos de movimento e som do Episódio: escuta e paisagem sonora.

Descrição: Exploração sonora de um jogo de saboneteiras previamente preparadas sonoramente para esta intervenção

Cena: A pesquisadora dispõe o jogo no chão. O jogo é composto por uma cesta de vime e 12 saboneteiras (infantis) devidamente lacradas com fita adesiva. Algumas contêm lantejoulas, outras canutilhos, outras pequenos parafusos, outras arroz, outras feijão, outras estão vazias. A ideia é que os bebês percebam os diferentes tipos de sons conforme seus próprios gestos e percebam que algumas não produzem sons. Os bebês exploraram livremente as saboneteiras.

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: do bebê

Autoria da atividade: da pesquisadora

Bebês presentes: 5 (Martin, Matheus)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Martin estava no colo da professora. Assim que coloquei a cesta no chão se levantou e veio sorrindo, em direção a pesquisadora. Ainda cambaleando (ele não andava muito firme ainda) abaixa-se e pega o objeto na cesta com a mão direita. Imediatamente começa a chacoalhar. Interrompe o movimento, pega outro com a mão esquerda chacoalha por três vezes também (embora o gesto tenha menos força/intensidade) e começa a bater os dois chocalhos. A partir daí pega a cestinha e passa a colocar as saboneteiras dentro e fora da cesta. Disputa o objeto que está dentro da cesta quando outro bebê tenta pegá-lo. Puxa bem forte, conseguindo retirar o objeto da mão do amigo. Repete o gesto de chacoalhar por três vezes. Olha para o amigo. Chacoalha novamente o seu. Pega a saboneteira do amigo, enquanto este pega a cesta. Chacoalha os dois juntos. Fica com o objeto na

mão esquerda porque o amigo pega o objeto que da sua mão direita. O gesto parece ser sempre o mesmo: movimenta o objeto na frente ou na lateral do corpo, como se estivesse “riscando”. Geralmente são três gestos. O gesto é sempre de exploração sonora. Martin não leva o objeto à boca em nenhum momento. Ele parece querer ouvir o som.

Aqui se podem perceber as ideias de Delalande (2009) de que existe uma diferença entre o brincar com um objeto e a sua exploração sonora. Martin repete o gesto porque sabe que se o fizer daquela forma, produzirá som.

Ele se senta pega o objeto, repete o gesto. Percebe que não tem som e busca outro. Quando percebe sua sonoridade levanta-se e vai mostrar para a professora. O processo de intersubjetividade fica claro quando o objeto e a brincadeira (foco e intenção) são compartilhados por bebê e professora. Ele se afasta com o objeto na mão e vai em direção a pesquisadora. Martin sempre procura um adulto para compartilhar suas experiências. No meio do caminho encontra mais um objeto (esse sem nada dentro); repete os mesmos gestos e entrega os objetos para a pesquisadora que improvisa um jogo de intercalar som e silêncio. Martin fica observando atentamente. Pega o seu objeto e chacoalha; levanta-se e vai mostrar para a professora. Pega outro objeto do chão, senta-se e continua a chacoalhar. O primeiro gesto do bebê parece ser o de chacoalhar o objeto com a mão direita como se estivesse desenhando um risco no ar; não tem uma frequência de pulso, é fluido e o movimento é leve. Mas em quase todas às vezes se repete por três vezes. Destaca-se que a primeira ação do bebê ao pegar o objeto foi o de escutar o som e quando engatinha até a professora para lhe mostrar sua descoberta sonora repete o mesmo gesto que realizou durante sua exploração individual.

Matheus, está de costas, tentando pegar um brinquedo na prateleira. Ao escutar a pesquisadora chacoalhando uma das saboneteiras, se volta imediatamente para a direção do som. Ao ver a cesta vem depressa. Pega uma saboneteira e chocalha (essa não tinha som); sorri muito feliz. O gesto é o mesmo de Martin, porém um pouco menos longo: um movimento para frente e para trás como se estivesse “riscando”; o número de vezes também é diferente; repete oito vezes seguidas o gesto; senta-se, pega outro. Chacoalha 19 vezes esse objeto que tem som; continua sorrindo muito satisfeito. Sempre direciona o olhar para a pesquisadora. Pega outro, e com dois objetos, um em cada mão se levanta e vai em direção à professora. Olha para ela sorrindo, muito satisfeito. É interessante notar que Matheus mantém a saboneteira perto do ouvido. Seu gesto varia entre o ritmado (primeiro gesto) e o segundo (mais lento (movimento de virar o objeto de um lado para o outro). Os gestos de Matheus têm muita energia, vigor, intensidade. Seu corpo todo acompanha sua exploração sonora; os pés, as pernas, os braços, seus olhos, sua boca; tudo demonstra envolvimento, concentração e felicidade.

As ideias de Delalande são aqui corroboradas: os bebês repetem os gestos para que os sons se repitam. Quando gostam de algum som, repetem o movimento. Acompanham os movimentos das mãos com o corpo. O objeto passa a ser uma extensão do corpo.

EPISÓDIO 3

Eixo: Exploração Vocal e entoação de canto atonal

Tempo total do vídeo: 25'

Tempo total da Observação: 2'

Conteúdos de movimento e som do Episódio: canto atonal; movimento do som.

Descrição: Contorno melódico atonal; tempo métrico com movimentos fluidos. Destaque para os intervalos dissonantes. Ideia de que som tem movimento.

Cena: A pesquisadora está em posição fetal, imóvel, em silêncio, esperando alguma reação dos bebês para iniciar os movimentos e o canto. Ao ser requerida pelo bebê, passa a entoar uma pequena peça atonal composta para atividade com movimentos fluidos de corpo.

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: da pesquisadora

Autoria da atividade: da pesquisadora

Bebês presentes: 3 (Matheus, Pedro, Martin e Matheus)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

A gravação desta intervenção não contemplou em nenhum momento todos os bebês juntos. Dessa forma, o tempo do vídeo das observações de cada bebê, foi diferente.

Matheus fica olhando muito seriamente para a pesquisadora deitada no chão; parece pensar em como despertá-la. Olha, mexe em meus cabelos. Está concentrado, buscando encontrar uma solução para me acordar. Investe esforço na atividade; Passa a bater as mãos no chão para tentar me “acordar”. Não desiste; observa o ambiente e vê uma bola. Busca a bola, me chama e entrega a bola. Mostra-se muito satisfeito quando me levanto e pego o que me oferece. Canto para ele que abre bem a boca em forma de A; não pronuncia o A, mas parece estar se esforçando para buscar esse “A” dentro dele. Estabelece contato visual comigo, olhando bem nos meus olhos, mexe no meu rosto e tenta fazer o A da canção. Sorri; mexe de novo no meu cabelo, demonstrando afetividade. Sorri. Olha para os lados, procurando alguma coisa. Encontra um pedacinho de papel no chão e vem me mostrar. A expressão facial do seu rosto demonstra que está feliz. Aguarda a minha reação enquanto mostra o “achado”. Em termos de conteúdo musical percebo que ele procura “cantar” a canção comigo. Não entoa, mas busca esse som dentro dele. Essa tentativa dura aproximadamente 50”. Esse momento pode-se ser caracterizado como intersubjetividade. Nós dois estamos compenetrados, no mesmo foco, buscando fazer a mesma coisa. Ele está seguro e não procura pela educadora em nenhum momento.

Matheus se movimenta no plano alto; tem segurança ao caminhar. Não está preocupado com o movimento, nesse momento. Está ocupado, primeiro, em “despertar” a

pesquisadora; e em segundo, a imitar a canção entoada pela pesquisadora.

Após três minutos de observação do vídeo desta intervenção registra-se a primeira vocalização dos bebês. Uma vocalização curta, mas nota-se a tentativa do bebê de reproduzir o que a pesquisadora estava a cantar.

Durante o tempo em que Danilo foi observado a pesquisadora cantava um trecho de uma canção atonal e se movimentava com movimentos fluidos. Soma à canção um jogo sonoro de glissando descendente em U feito com as duas mãos para cima que termina com uma batida do objeto ao chão e com a sílaba PA.

Danilo está em pé segurando o objeto com as duas mãos pra cima, imitando o gesto da pesquisadora. Mas não faz o som. Olha fixamente para a pesquisadora e entrega o objeto para ela. Seu olhar parece querer dizer: -“agora é sua vez”. A pesquisadora repete o processo (glissando em U), levantando o objeto com as mãos para cima e terminando com uma batida do objeto no chão ao mesmo tempo em que diz PA!. Entrega o objeto novamente para ele, que segura e levanta novamente as duas mãos para cima. O objeto cai para trás, mas ele não o pega. Ele está atento à pesquisadora. Sua expressão facial é séria. Coloca as mãos na boca e fica observando. Pega novamente o objeto, tirando as mãos da boca. Derruba-o, coloca a mão na orelha e encosta num pufe para observar a pesquisadora que agora está no centro da sala. A pesquisadora se volta pra ele. Faz a brincadeira do glissando. Ele observa depois pega o objeto repete o gesto das mãos pra cima (mas não vocaliza), deixa cair pra trás e dá uma risada. Ele se aproxima da pesquisadora, sorri, e tenta encontrar os sons dentro da boca dela. Mexe em sua própria boca, depois na boca da pesquisadora. Coloca as mãos no rosto da pesquisadora. Parece procurar os sons no rosto e na boca da pesquisadora. Mexe na boca da pesquisadora fazendo brum, brum... fica um tempo fazendo esse som, no que é acompanhado pela pesquisadora.

A pesquisadora canta um trecho de uma canção atonal, se movimentando com movimentos fluidos. Algum bebê, levantando as mãos para cima, entrega um objeto (um pequeno puff quadrado e colorido) para a pesquisadora, que se utiliza desse gesto para fazer um jogo sonoro. Um glissando com U que termina com uma batida do objeto no com a palavra PA! O objeto é integrado à entoação da canção.

Martin estava no colo da professora, olha atentamente para a pesquisadora e sorri. Parece achar divertido. A pesquisadora não está olhando para ele, mas ele não desvia o foco e não para de sorrir. Pesquisadora entoa uma melodia e utilizando a sílaba PA, e está em plano médio. Martin está sentado no colo da educadora, em plano baixo.

A pesquisadora recebe um objeto de um bebê e faz sons com ele. Martin abaixa a cabeça e gargalha. A pesquisadora recebe mais objetos (iguais) e propõe um jogo rítmico. Martin pisca os olhos quando o objeto atinge o chão com um PA! E depois sorri, satisfeito. Mexe os pezinhos. O sorriso não sai do rosto, mas não faz menção de se levantar. Está seguro e confortável no colo da professora.

Martin olha para o bebê que interage nesse momento com a pesquisadora e volta a

olhar para a pesquisadora. Martin sai do colo da professora e se aproxima à pesquisadora. Pega o objeto. Está sentado no chão com o objeto no colo. Levanta-se pega o objeto, mas seu olhar não se desvia da pesquisadora que faz o jogo com o seu objeto. Ele sorri. Ele anda com o objeto, faz uma vocalização em aaaaaaaa e olha para a professora para, evidentemente mostrar o que está fazendo.

Merece ser destacado o fato, de que os bebês observam atentamente a boca da pesquisadora enquanto entoa o canto. Danilo chega a mexer com as mãos na boca da pesquisadora como se estivesse investigando de onde vem aquele som ou como ele se processa dentro da boca. A duração dos movimentos receptivos de Martin e de Danilo indica um nível alto de concentração sem perder contato em nenhum momento.

EPISÓDIO 4

Eixo: jogos sonoros: autoria dos bebês

Tempo total do vídeo:

Tempo total da Observação: 2'

Conteúdos de movimento e som do Episódio.

Descrição: A atividade consistia em entoação de trechos dissonantes com movimentos fluidos. Danilo estava observando a pesquisadora atentamente. Ela se aproxima e canta bem próximo dele. Ele lhe entrega a bola.

Cena: Pesquisadora entoa trechos dissonantes e se movimenta fluidamente. Aproxima-se do bebê que estava brincando com uma bola. Inicia-se um jogo interativo.

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: da pesquisadora

Autoria da atividade: da pesquisadora

Bebês presentes: 2 (Danilo e Matheus)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Danilo observava a pesquisadora cantar e se movimentar fluidamente sentado num dos cantos da sala do berçário. Estava colocando uma pequena bola (de massagem) na boca. A pesquisadora senta-se bem em frente a ele e canta a canção. Ele lhe entrega a bola. A pesquisadora faz o som do going-going (jogo sonoro inventado por Matheus e que a essa altura todos os bebês já faziam – de rodar a bola fazendo going–going com a boca. Quando a bola corria solta e em uma direção fazíamos sempre um único som – qualquer som, mas contínuo) e entrega a bola novamente pra ele, que está esperando com as duas mãozinhas esticadas. Ele pega a bola, dá uma risada alta e faz um movimento de cima para baixo com a bola nas mãos por 9 vezes, sendo as quatro primeiras mais altas e intensas e as demais mais curtas porque sua intenção era colocar a bola na boca novamente. O movimento fica fraco até que a bola alcança a boca. A pesquisadora canta novamente a

melodia. Danilo está com a bola na boca, mas seus olhos estão focados diretamente na pesquisadora. Assim que se atenta ao silêncio da canção, entrega novamente a bola para a pesquisadora que retoma novamente a mesma ideia: jogo do going-going seguido da entoação da melodia, devolvendo a bola pra Danilo. Danilo aguarda pacientemente todo o processo e dá risada novamente quando a bola lhe é entregue. Já está com a boca aberta, sorrindo, e por isso seus movimentos foram mais contidos. A bola foi pra boca, novamente, mas seus olhos não se desviam em nenhum instante da pesquisadora. Ele brinca um pouco com a bola na boca e devolve a bola para a pesquisadora que repete o processo. Não vocaliza, mas seu bem-estar e envolvimento ficam nítidos pelo olhar focado, pela espera da devolução da bola (no caso, foi guiado pela escuta do canto) e pela alegria, sorrisos e movimentos de pernas que fazia. Sempre que pegava a bola, balançava o corpo todo, impulsionando as pernas (estava sentado sobre as pernas).

Ressalta-se que muito embora a atividade fosse a mesma, gerou jogos diferentes entre os bebês. Mais uma vez destaca-se aqui a importância da individualidade e da atenção do adulto para o interesse do bebê.

Durante o jogo Matheus faz uma vocalização imitando a pesquisadora. Não era igual, mas muito parecido.

A pesquisadora chama a atenção para a vocalização de Matheus, repetindo-a. Mas nem mesmo nesse momento, Danilo desvia sua atenção da pesquisadora, continuando a observá-la atentamente e entregando-lhe a bola depois de brincar com ela na boca. Fico a perguntar que som tem aquela bola na boca dele.

As análises demonstram que o padrão de recepção-ação se mantém durante os dois minutos de observação. Danilo aguarda sua vez no jogo para atuar e muito embora a duração dos eventos varie, percebe-se que a ação tem tempo maior do que a recepção.

EPISÓDIO 5

Eixo: jogos sonoros: autoria dos bebês

Tempo total do vídeo: 13:12”

Tempo total da Observação: 2’

Conteúdos de movimento e som do Episódio.

Descrição: Ah, Ah! (jogo do colchão por Martin).

Cena: Martin estava sozinho no berçário neste dia e propôs várias brincadeiras à pesquisadora.

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: do bebê

Autoria da atividade: do bebê

Bebês presentes: 01 (Martin)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Martin estava sozinho no berçário neste dia. Talvez por isso interagiu muito com a pesquisadora que, neste dia, lhe dedicou uma atenção individualizada. Estava animado propondo várias brincadeiras. Em um momento da intervenção, olha para a pesquisadora, vocalizando alguns sons e caminhando até os colchões que estão dispostos próximos às paredes da sala. Solicita que a acompanhe e isso fica claramente evidenciado, apesar de ainda não falar, pela forma com que vai andando e olhando para trás e vocalizando para ela. Senta-se no colchão e passa a vocalizar (ah, ah, ha...) acompanhando com impulsos corporais (como se fosse levantar). A vocalização acompanha o ritmo do movimento demonstrando que Martin já está preparado para o trabalho de estabelecimento de pulso; fato muito importante de um professor observar antes de trabalhar a marcação do pulso rígido. Martin suspende o movimento, olha para a pesquisadora e diz:

- ah?

A pesquisadora entende que ele quer que ela o imite. Quando o faz ele se mostra muito satisfeito! Sorri, muito feliz!

Assim que a pesquisadora cessa a imitação, Martin retoma o processo, estabelecendo o jogo. O jogo permanece por pouco tempo, mas se repete em várias outras ocasiões. Em outra intervenção Matheus faz o jogo de Martin em outro espaço: o da sala de música da creche! Martin repete sempre a mesma vocalização e o mesmo movimento corporal e sempre propõem o jogo sobre um colchão. Apesar de o jogo ser repetido algumas vezes durante a mesma intervenção e em outras, as observações revelam que a duração do envolvimento do bebê com o jogo não ultrapassa os dois minutos. Nesta observação especificamente em 1':40" Martin desvia a atenção para outro foco. Esses fatos indicam que as experiências educativas com os bebês devem ser organizadas de modo há respeitar o tempo e interesse próprios de cada pequeno. Os jogos não duram muito tempo, mas são significativos para os bebês, principalmente para aquele que o elaborou.

EPISÓDIO 6

Eixo: jogos sonoros: autoria dos bebês

Tempo total do vídeo: 16'

Tempo total da Observação: 2'

Conteúdos de movimento e som do Episódio.

Descrição: Davi estava na cestinha, Mariana começa a percutir a porta, Davi passa a realizar movimentos fluidos com o corpo.

Cena: Pesquisadora aguardava em silencio alguma vocalização dos bebês enquanto realizava movimentos fluidos com o corpo

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: do bebê

Autoria da atividade: do bebê

Bebês presentes: 3 (Mariana, Davi e Danilo)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Pesquisadora aguardava em silêncio alguma vocalização dos bebês enquanto realizava movimentos fluidos com o corpo. Davi sentou-se numa cadeirinha de balanço. Mariana esteve presente nesta única intervenção. As intervenções aconteciam no período vespertino e a bebê frequentava a creche somente no período da manhã. Estava tentando interagir ou entender o que estava acontecendo. Em nenhum momento estranhou a pesquisadora. Pelo contrário. Queria ficar no colo e chorou muito quando a intervenção terminou e a pesquisadora disse que iria embora. Demonstrava querer interagir. Encostou-se à porta de vidro e começou a dar bater o “bumbum” nela o que gerou um padrão rítmico. Assim que ela parava, a pesquisadora iniciava repetindo seu padrão. Quatro batidas, mais ou menos regulares, sem uso da voz. Davi estava sentado numa cadeirinha de balanço. Observava com atenção ao movimento de Mariana e da pesquisadora. Assim que a pesquisadora terminou o padrão, ele entrou no jogo, repetindo o mesmo padrão com a sílaba Bá!

Ba Ba Ba Ba.

Ele balançava os pezinhos aleatoriamente, ou seja, os movimentos dos pés eram fluidos e livres em relação à vocalização que estava bastante regular.

Mantivemos o jogo por 2 minutos completos!! Sempre respeitando a ordem: Mariana, pesquisadora e Davi. Davi deixou, inclusive, de olhar para a pesquisadora e Mariana. Passou a brincar com o seu pé e tirar as sandálias. Mas se manteve no jogo e “entrou” no seu momento em todas as sequências. Danilo que sempre gostou de fazer brum...brum.... com os lábios. Entrou no jogo. Mariana começou a imita-lo. Nesse momento, a coordenação do movimento do quadril se desestabilizou. Manteve-se encostada na porta, ainda percutia, mas não manteve o padrão quase regular que vinha fazendo no jogo. Sua atenção voltou-se para o brum... Então, outro jogo foi iniciado. Mantivemos a vocalização de Davi e incluímos a onomatopeia de Danilo.

Interessante ressaltar que o jogo se estabeleceu com cada bebê em um canto da sala. Davi estava (e permaneceu o tempo todo) no balanço, brincando com outras coisas, tais como sua sandália. Danilo estava andando pela sala e Mariana encostada na porta que dá acesso ao parque (no fundo da sala). O que de fato, estava em jogo ali, naquele momento, era a escuta. Eles estavam livres. Não estavam em roda. Mas o foco daqueles minutos foi o jogo direcionado pela escuta e o interesse dos bebês. O jogo foi dado por eles. A pesquisadora somente considerou o que estava acontecendo sonoramente e “entrou” no jogo, o que fez com quem eles se sentissem incentivados a continuarem a proposta.

As análises apontam que a relação entre tempo de espera (movimento receptivo)

e tempo de ação (gesto repetitivo) é bastante regular nas fichas de Mariana e Davi, o que demonstra que o jogo estava bem estabelecido e os bebês estavam, de fato, envolvidos na atividade. Os tempos de recepção são mais longos do que os de ação, isso porque estávamos em três no jogo (até Danilo entrar, posteriormente, aumentando o padrão de recepção). As observações de Danilo em tempo posterior, ou seja, depois que ele entra em ação, evidenciam que o jogo permanece por quase 4 minutos. Um tempo bastante representativo em relação ao que se tem observado do tempo de envolvimento dos bebês em jogos.

Esse jogo, de fato, foi muito intenso. Não foi mais repetido em nenhum outro momento (Mariana não participava das intervenções porque só permanecia na creche durante o período da manhã), mas os bebês apresentam um nível alto de envolvimento, revelados por meio da regularidade dos tempos que expressam concentração e atenção ao jogo.

EPISÓDIO 7

Eixo: jogos sonoros: autoria dos bebês

Tempo total do vídeo: 22'

Tempo total da Observação: 2'

Conteúdos de movimento e som do Episódio.

Descrição: Elaboração de jogos sonoros pelos bebês

Cena: Danilo estava olhando a cena que se desenrolava entre a pesquisadora e Matheus. Estava em pé, imóvel. A pesquisadora se aproxima dele e faz uma estrutura sonora com um puff que estava bem próximo dele.

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: do bebê

Autoria da atividade: do bebê

Bebês presentes: 02 (Danilo e Matheus).

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Danilo estava olhando a cena que se desenrolava entre a pesquisadora e Matheus. Estava em pé, parado, sem realizar nenhum movimento. A pesquisadora se aproxima dele e faz uma estrutura sonora com um puff que estava bem próximo dele. Ele acompanhava com o olhar. Espera. Pega o puff e imita o gesto da pesquisadora. Eleva os braços muito para trás, acaba se desequilibrando, derruba o puff e sorri. Danilo vem buscar o puff que está nas mãos da pesquisadora. Solta, imitando o gesto e tentando vocalizar como a pesquisadora estava fazendo! Sorri. A pesquisadora pega outro puff (diferente somente na cor) e repete a estrutura com a boca bem aberta. Danilo se interessa pela boca. Vocaliza

procurando imitar a pesquisadora e ao final, tampa a própria boca com as mãos.

Espera a pesquisadora repetir a estrutura e foca novamente na boca dela. Parece querer entender de onde vem o som. Toca sua própria boca e agora acaba fazendo um brum-brum, movimentando os dedos sobre os lábios. A pesquisadora repete o seu som. Ele aguarda. Assim que a pesquisadora termina, ele repete o movimento dele novamente. No turno da pesquisadora, ele toca novamente com as mãos na boca dela, como se quisesse investigar a fonte sonora. Repete o som dele. Fica instituído o jogo. Danilo o adora e sempre o propõem durante as intervenções. Esse jogo serviu de base para algumas estruturas sonoras, tais como a que se fez intercalando glissandos ascendentes e descendentes (feitos com uma almofada em formato de bala que Martin ofereceu à pesquisadora) com os brum-brum de Danilo

A duração do tempo entre espera e ação varia entre 2” e 5”; o que mais uma vez, corrobora a ideia de que momentos ricos e de intersubjetividade podem acontecer em momentos relativamente curtos na visão de um adulto, mas significativos e ricos para os pequenos.

EPISÓDIO 8

Eixo: jogos sonoros: autoria dos bebês

Tempo total do vídeo:

Tempo total da Observação: 2’

Conteúdos de movimento e som do Episódio.

Descrição: Elaboração de jogos sonoros pelos bebês

Cena: A pesquisadora observava os bebês a fim de lhes imitar os movimentos ao som de uma música contemporânea.

Escuta: ao vivo

Agência do movimento: do bebê

Autoria da atividade: do bebê

Bebês presentes: 01 (Matheus)

DESCRIÇÃO E ANÁLISES DE VÍDEO

Matheus estava interagindo com a pesquisadora; procurava chamar sua atenção por meio de movimentos corporais e vocalizações. Apanhou uma bola que estava no chão do berçário e vem em direção à pesquisadora, vocalizando um “guem-guem”. Queria comunicar algo; queria que brincasse com ele. A pesquisadora repete o “guem-guem” rodando a bola com as mãos. Imediatamente, Matheus dá uma gargalhada! Nesse momento, Martin que também queria participar da brincadeira jogou uma bola menor do que a de Matheus, e a pesquisadora aproveitou para fazer um som contínuo enquanto esta rolava ao chão. Repetiu o guem-guem rodando a bola. O jogo estava estabelecido. Matheus pegou a

bola maior fez o “guem-guem” e esperou até que pesquisadora lançasse a bola menor no chão, entoando um som contínuo. Quando a bolinha parou (e o som também), Matheus retoma o “guem-guem”. Ele sabia o que era uma bola. A pesquisadora teve a oportunidade de vê-lo em dias anteriores brincando de chutar a bola com os pés (como se jogasse futebol) e arriscando um “oooo” (que muito provavelmente significava “gol”), revelando uma brincadeira que, com certeza, amava. Mas quando, durante as intervenções, trazia as bolas para a pesquisadora era o jogo do “guem-guem” que esperava; isso era evidenciado pela forma como ficava feliz quando, esticando a bola e rodando-a nas mãos, vocalizava e entregava a bola para a pesquisadora, esperando que esta fizesse sua parte no jogo. O jogo “guem-guem” foi feito diversas vezes, nesta intervenção com Matheus e em outras ocasiões com Matheus e outros bebês. Mas era ele quem sentia mais gostava do jogo e demonstrava um grande contentamento quando era realizado.

Durante a vocalização do “guem-guem” explora-se o plano da dinâmica que vai do piano (fraco em termos de intensidade sonora) até o meio-forte. O som contínuo é feito em inversamente. De *forte* para o *piano*.

As análises demonstram um padrão regular de tempo de espera (movimento receptivo da vocalização da pesquisadora com a bolinha pequena; e repetição do guem-guem com a bola maior) e de ação (seu momento de vocalizar no jogo) do bebê. O tempo vai de 8 a 20”, mas percebe-se que o tempo de “movimento receptivo” que Matheus precisa aguardar excede o da ação. Mas ele não se aflige. Espera o seu momento de realizar o jogo. Apesar de não se pensar em desenvolvimento musical para facilitar os estudos musicais futuros, aqui vale apontar que essa postura (de esperar o tempo certo para a ação) é importante para os estudos musicais formais e em conjunto. A vocalização de Matheus foi considerada do tipo “composição”, conforme Delalande (2009), porque sempre o repete da mesma forma – mesmo registro, mesmo som e mesma duração (com pequenas diferenças entre uma interpretação e outra).

ALGUNS RESULTADOS

No caso da música, pode-se dizer que o movimento receptivo indica um alto nível de envolvimento do bebê, uma vez que está focado, direcionado para a cena, e, portanto, aprendendo. O gesto imitativo, destacando aqui, o dedo em riste, é a única ação que acontece concomitante com a escuta. Tanto os movimentos ativos como as vocalizações se dão sempre nos momentos de relaxamento da escuta, ou seja, depois que se acabava de prestar atenção nos sons os bebês até respiravam profundamente, indicando um alto nível de envolvimento durante a escuta. Isso permite dizer que os bebês possuem ampla capacidade de escuta atenta, sem ser ativa, ou seja, conseguem se concentrar somente na escuta por um tempo representativo. Esse é um dado relevante no cenário da educação musical de bebês pois a ideia de que os bebês precisam de ação e brinquedos o tempo

todo é comum entre os educadores musicais. Escutar a paisagem sonora é um exercício rico e possível de ser realizado com bebês, exigindo apenas boa vontade dos educadores. Não é necessário ter formação musical específica para a realização do trabalho.

Como ficou claro, os bebês demonstram um alto envolvimento quando suas invenções e seus movimentos são valorizados. Portanto, utilizar as ações dos bebês, seus movimentos e vocalizações específicas, é recomendável em qualquer processo de experiência educativa com os pequenos, não somente na música. Isso suscita uma reflexão no campo da educação musical a respeito das coreografias de canções tão comumente utilizadas no trabalho com bebês. Esse tipo de atividade pode até constar do plano do especialista ou do professor, mas em pequena proporção. É importante que se ofereça variados modelos de movimentos (fluidos, marcados, pulsados, pesados, leves, com direção e sem direção) para que o bebê, há seu tempo, decida se quer inventar ou imitar. Uma experiência musical que respeita o direito da infância não deve obrigar o bebê a realizar movimento nenhum em qualquer situação, mas oferecer possibilidades.

No que tange a exploração sonora, era esperado que cada bebê se concentrasse em sua exploração do objeto, no entanto, os dados evidenciam que os bebês observam relativamente bastante neste eixo, indicando que não só exploram e compõe, mas que aprendem observando em qualquer situação.

Infere-se que as cenas (momentos em que alguns momentos estão observando jogos ou eventos de intersubjetividade entre adulto e outro bebê), são momentos de aprendizado para os pequenos.

Os dados indicam que os bebês vocalizam pouco no momento da intervenção. Quando se compara as vocalizações e os movimentos receptivos dos bebês fica claro que eles optam por observar. De todos os eixos, possivelmente, as entoações, vocalizações e os padrões atonais representem o maior desafio para os bebês porque não se serve de palavras nem de objetos. Nem tampouco correspondem aos que eles (já) entendem por música. Isso porque os bebês estão formulando o conceito de música por meio do que lhes é apresentado no seio familiar, social e educacional do qual faz parte. E a abordagem da música contemporânea, como se viu pela revisão da literatura, está praticamente alijada dos contextos dos bebês. Poucos são os trabalhos específicos em educação musical que oferecem essa vertente musical. No estudo de caso em questão, representava de fato, uma novidade, não só para os bebês como também para a professora da turma e para a diretora (fato por elas relatado, uma vez que estiveram presentes em muitas intervenções). No entanto, os bebês se servem dessas vocalizações e entoações em outras situações; a professora deixa claro que em várias ocasiões os bebês utilizaram as entoações da pesquisadora em suas brincadeiras. Além disso, as vocalizações (inclusive as imitativas) aparecem nas criações de jogos e em outras categorias, tais como em exploração sonora. Dessa forma, pode-se dizer que oferecer esse repertório é função do professor e direito do bebê. Mas seria necessário capacitar os professores para esse trabalho. Talvez dos eixos

apresentados pelo “Miniaturas” este seja o que exige, de fato, uma capacitação para a realização do trabalho.

Quanto à criação dos jogos pelos bebês pode-se dizer que emergiram pelo envolvimento e intersubjetividade que o bebê estabeleceu com a pesquisadora e com os outros bebês em situações de intervenção, sem um momento previamente estabelecido para isso. Os dados demonstram que os jogos são um eixo relevante no trabalho com os bebês, no sentido de valorizar a produção e a construção do processo pelo bebê e que eles acontecem quando se dá a abertura e o tempo necessários para a criação dos bebês.

Em relação à Escuta Ativa, se esperava que os bebês estranhassem a sonoridade, o que poderia interferir na concentração, causar enfado ou até mesmo choro. No entanto, não foi isso que aconteceu. Mais uma vez os bebês demonstraram ser excelentes ouvintes e pelo pouco número de vocalizações pode-se inferir que os pequenos compreendem quando a vocalização não está em jogo na proposta.

Destaca-se que nos momentos em que se observa que os bebês estão “fora da intervenção” estavam tranquilos, fazendo outra atividade, brincando com algum brinquedo ou ainda, deitado, chupando chupeta. Em nenhum momento, se verificou choro ou mal-estar; em nenhuma situação os bebês foram obrigados a participar da intervenção. Ocasão alguma foi feito roda.

Por apresentar um bom índice de envolvimento dos bebês pode-se dizer que a proposta do “Miniaturas” de proporcionar experiências de exploração, apreciação e criação sonoro-musicais a partir do que emerge de cada bebê e tendo em conta um repertório musical baseado em um conceito amplo de música é viável no contexto da creche, se caracterizando como produtor e de qualidade, pois considera o bebê como produtor de cultura ao mesmo tempo em que possibilita ampliar suas referências culturais.

REFERÊNCIAS

ADESSI, Anna Rita. Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina da “troca de fraldas”. Revista da ABEM. Londrina. v.20. n.27. 21-30. jan. jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DAMIANI, Magda Floriana. Sobre Pesquisas do tipo-intervenção. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas, p. 2882-2890, 2012.

DELALANDE, F. **Le Condotte Musicali**. Bologna: Clueb, 1993.

_____. **La nascita della musica**. Esplorazioni sonore nella prima infanzia. Editora: Franco Angeli, Milão, 2009.

GORDON, Edwin. **Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GRIFFITHS, P. **A música moderna**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1987.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

_____. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LAEVERS, F. (org). **The Leuven Involvement Scale for Young Children**. Manual and Video. Centro for Early Childhood & Primary Education. Katholieke Universiteit Leuven. Belgium, 1994.

MALAGUZZI, L. Ao contrário, as cem existem. IN: EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NIÉRI, Débora. **Miniaturas Musicais**: evidências do envolvimento do bebê com uma proposta musical criativa. Relatório de Estágio de Pós-Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2018.

PAYNTER, John. **Sound and Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. **Hear and Now**: an Introduction to Modern Music in Schools. London: Universal, 1972.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

TREVARTHEN, C . MALLOCH, S. **Communicative musicality**: Narratives of expressive gesture and being human. Oxford: Oxford University Press, 2007.